

Paraupava e Sabarabuçu: estudo dos nomes

Paraupava and Sabarabuçu: a study about names

*Karylleila dos Santos Andrade *, Carla Bastini **

**Universidade Federal do Tocantins*

Resumo: Para analisar o mito Paraupava, Lagoa Paraupava, Rio Paraupava e a Serra Resplandesciente ou Sabarabuçu, é necessário realizar um estudo sobre a geografia das bandeiras paulistas: de onde partiam, quais os caminhos percorridos, objetivos e interesses, pois foi a partir dos conhecimentos obtidos com as penetrações nos sertões que se tornou possível aos bandeirantes paulistas uma busca pelo mito indígena da Lagoa Paraupava e uma tentativa de encontrar o Rio Paraupava, primeira denominação do atual Rio Araguaia, por conseguinte dar subsídio aos cosmógrafos portugueses para a realização de suas cartas geográficas científicas do interior do continente da América portuguesa.

Palavras-chave: Mito Paraupava. Sabarabuçu. Etnolinguística. Rio Araguaia.

Abstract: To analyze the Paraupava's myth, Paraupava's Lake, Paraupava's River and the Resplandescient Hill or Sabarabuçu, it is necessary to perform a study about the geography of São Paulo's flags: from where they left, the walked paths, objectives and interests, because after this knowledge obtained with the expeditions to the inland that became possible for those São Paulo's adventurers revival the great Indian myth of the Paraupava's Lake and identify the Paraupava's river, first denomination for the Araguaia's River, afterwards to subsidize the Portuguese Cosmographers to produce the scientific geographic letters of the inland of the Portuguese America Continent.

Keywords: Paraupava's myth. Sabarabuçu. Etnolinguistic. Araguaia's river.

Introdução

Qualquer estudo de toponímia brasileira, ainda que em perspectivas diversas e sob distintas orientações ou critérios de análise – histórico, ambiental, etnolinguístico ou psicossociológico, por exemplo –, sempre envolve alguma referência a dois pontos nucleares: a posse do território pelo domínio dos caminhos terrestres e lacustres e a conquista espiritual dos locais. Os primeiros permitiram o reconhecimento e os segundos garantiram a continuidade da presença dos alógenos pela implantação de novos credos e de outra cosmovisão. Na prática, são duas configurações, distintas por suas características físicas e emotivas, que acabam se cruzando em um eixo de influências e consequências polivalentes.

Dick (2002) afirma que o sistema hidrográfico brasileiro encerra uma riqueza pronunciada de cursos d'água, seja na distribuição quantitativa seja em extensão e em volume. Qualquer que seja a origem linguística de seus topônimos, carregam em si a mística das águas, maior que o tempo e a memória de épocas denominativas, revelando estágios de nomeação característicos. Deixam esses nomes de ser apenas signos arbitrários da língua para se referencializar como ícones de uma memória vivenciada, porque subjacente em si estão a cosmovisão dos falantes e o sentido próprio que ela lhes confere.

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos identificar no léxico o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como “signos operacionais”, é através dos “nomes” que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de “cristalizar” conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que reflete percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época.

Apoiando-se em leituras de documentos de diversas épocas e em pesquisas de campo, a Onomástica, ciência da linguagem que se fundamenta na lexicologia, vem contribuindo com os estudos etnosociolinguísticos da realidade brasileira, através da investigação antroponímica e toponímica em que se estrutura o léxico regional.

A toponímia tocantinense não pode ser discutida sem levar em consideração as duas grandes bacias hidrográficas: os rios Araguaia e Tocantins. Às margens do rio Araguaia, temos os municípios de Caseara, Araguacema, Couto de Magalhães, Pau D'Arco, Araganã, Xambioá, Araguatins e Esperatinina; às margens do rio Tocantins, os municípios de São Salvador do Tocantins, Peixe, Ipueiras, Brejinho de Nazaré, Porto Nacional, Lajeado, Tocantina, Pedro Afonso, Tupirama, Bom Jesus do Tocantins, Tupiratins, Itapiratins, Palmeirante, Barra do Ouro, Filadélfia, Babaçulândia, Palmeiras do Tocantins, Arguanópolis, Tocantinópolis, Itaguatins, São Miguel do Tocantins, Praia Norte, Sampaio, Carrasco Bonito e São Sebastião do Tocantins.

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto ambiental, histórico-político e cultural da comunidade. Ao contrário, reflete e refrata de perto a própria

essência do ser social, caracterizado pela substância de conteúdo. O rio Araguaia sugere, na formação dos topônimos tocantinenses, a intencionalidade do denominador, de modo objetivo, a eleger topônimos motivados por esse rio.

1 As bandeiras paulistas

A Vila de São Paulo de Piratininga no fim do século quinhentista padecia de uma extrema pobreza. Localizada no planalto era praticamente isolada das demais vilas e a comunicação com São Vicente e Santos era extremamente dificultada devido à distância e ao percurso que se resumia em baixada, serra e planalto. A via de comunicação era um dos mais sérios obstáculos ao desenvolvimento econômico da Vila de São Paulo de Piratininga.

A nobreza da Vila de São Paulo, como a que se estendia por todo o Império Português, era considerada uma classe político-social superior, legítimo prolongamento do poder real, sendo que muitos dos primeiros moradores do planalto piratiningano eram da nobreza fidalga de Portugal.

De acordo com a lei, perdia o título de nobre aquele que exercesse “ofícios mecânicos” (trabalho assalariado). Esses trabalhos apenas deveriam ser executados pela plebe. O nobre deveria ser capaz de manter esse título sem que fosse necessário exercer tais ofícios.

A própria condição de nobreza, de um extrato superior da sociedade, levou os nobres de São Paulo a procurar nos sertões ouro, prata, demais metais e índios. A Vila de São Paulo não oferecia condições para que a nobreza se mantivesse com as mesmas regalias que a alimentavam em Portugal Metropolitano.

Dessa maneira, os nobres, temendo ficar cada vez mais pobres e que a Vila de São Paulo se tornasse um uniforme aglomerado de oficiais mecânicos, partiam para os sertões em busca de um patrimônio que lhes permitisse manter a posição econômica e a situação político social.

Para ir aos sertões os homens organizavam-se em Bandeiras. Segundo Ferreira (1977), a Bandeira era uma organização militar de segunda linha, a qual recebia também o nome de “companhia”. Cada companhia era composta de um capitão que a comandava, um alferes porta-bandeira, um sargento, um meirinho, um escrivão, além dos cabos de esquadra.

As bandeiras eram sempre dirigidas por elementos da nobreza da Vila de São Paulo que dirigia os destinos da vila e as bandeiras aos sertões. A grande massa de homens que formava as bandeiras era de elementos da plebe: oficiais mecânicos e índios. “[...] Até hoje tem-se considerado que o objetivo inicial das Bandeiras era o apresamento de índios, dando-se até a esse período o nome de ‘ciclo da caça ao índio’” (FERREIRA, 1977, p. 32).

Não há dúvida de que essas incursões da gente de São Paulo aos arredores da vila tivessem esse objetivo. Mas o cenário muda quando constatamos que esses

sertanistas chegavam a ficar até quatro anos no sertão, em guerra contínua com os índios, morrendo, voltando estropiados e com levar de índios que não compensavam tamanho sacrifício humano e material.

A ideia do primeiro grande ciclo bandeirantista era o descobrimento de ouro, prata, outros metais e pedraria preciosa. Como esse objetivo não foi alcançado, o apresamento de índios tornava-se uma atividade secundária, que procurava compensar aquela frustração.

2 Paraupava e Sabarabuçu

Os portugueses, com o passar dos anos, foram sendo informados pelos indígenas que no interior do Brasil existia uma Grande Lagoa, na qual se encerravam imensas riquezas. Além disso, informavam que os rios do Prata e seu grande formador o Paraguai, mais o São Francisco nasciam naquela famosa Lagoa. Nela também se dizia nascer um grande rio que desembocava na foz do Amazonas, o qual não tinha nome. A partir dessas informações os cosmógrafos passaram a desenhar no interior do continente uma grande lagoa e a ela ligaram as fozes dos rios Prata, São Francisco e Amazonas.

O mito da Lagoa Paraupava tinha como complementar o da Serra de Ouro, denominada pelos indígenas de sol da terra, *Sabarabuçu*. A notícia da Serra Resplandecente surge em 1550, em uma carta escrita por Felipe de Guillen, provedor da fazenda da Capitania de Porto Seguro, ao Rei D. João III. Segundo Guillen, alguns índios que foram à Capitania de Porto Seguro informaram que viviam junto de um grande rio, o qual se encontrava próximo a uma serra, na qual diziam haver muito ouro. Devido a esse fato, os índios relatavam que a serra resplandecia muito.

A Serra Resplandecente também recebia as seguintes denominações: *Itaberaba-açu*, *Taberaboçu* e *Sabaraboçu*. Segundo Sampaio (1987, p. 310), **SABARABAÇU** – *ant. Tabará-boçú*, corrupção de **Itaberaba-uçú**, significa pedra reluzente grande, ou cristal grande. Entende-se como serra resplandecente. Conforme o autor, tratava-se de um lugar lendário entre os colonos do primeiro século da conquista. Esta serra resplandecente que os indígenas em sua língua chamavam **Itaberabuçu**, transformada por corrupção em **Taberabuçu** e mais comumente em **Sabarabuçu**, passará a ser, por todo o século seguinte, o alvo das mais arrojadas expedições sertanistas.

3 Difusão do mito Paraupava

A quantidade de informações a respeito da existência da Lagoa era muito abundante: informações orais dos índios, livros, documentos, mapas. Todas as informações eram difundidas principalmente por cientistas, escritores e cosmógrafos, ou seja, indivíduos de alto nível cultural.

Com o passar do tempo, a Lagoa passou a ser uma realidade geográfica a respeito da qual ninguém lançava a mínima dúvida de que ela existisse. Por essa razão, muitos interessados começaram a sair em busca dela, organizados sob a forma de bandeiras.

Grande parte das bandeiras, ao se dirigir aos sertões, saía da Vila de São Paulo, pois essa Vila oferecia maiores condições para incursões ao sertão. Era ali a porta e o caminho mais seguro para chegar ao grande sertão.



Figura 1- Mapa de João Teixeira Albernaz II, 1670. (FERREIRA, 1977, p. 169)

De acordo com Ferreira (1977), a Lagoa Paraupava recebeu diversas denominações em livros, documentos e mapas, mas todas na verdade com a mesma origem e significação.

- **Lagoa Paraupava:** denominação da língua tupi. Antigamente se escrevia também Paraupaba, Paraipava ou Paraupeba. Grafias diferentes com o mesmo significado. **Paraupava** pode ser decomposto em “para-u-pava”, sendo que “para-u” significa “água grande ou lagoa grande”; “pava” significa “baixa, chata, espraçada, rasa”.
- **Lagoa Vupabuçu:** denominação da língua tupi. Pode ser decomposta em: “upaba-ucu” ou “i-peba-uçu” ou ainda “i-pava-uçu”, onde “i” significa “água”, “pava” significa “baixa, chata, espraçada, rasa” e “uçu” significa “grande”. **Vupabuçu** tem o mesmo significado de **Paraupava**. Esse nome, **Vupabuçu**, é referenciado nas bandeiras Baianas.

- **Lacus Eupana:** esse nome aparece nos mapas europeus. Surgiu pela primeira vez na cartografia portuguesa, com o mapa de Bartolomeu Velho em 1561. **Lacus Eupana** é uma forma latinizada de **Paraupava**. A palavra **Paraupava** é decomposta em “para-u-pava”. “Para” foi traduzida com facilidade para “Lacus” e “upava” não encontrou uma tradução correta por apresentar diversos significados. Tendo sido conservada “upava” se deu “Eupana” por corruptela.
- **Lago Xaraies:** essa denominação é devida aos índios Xaraies que habitavam nas proximidades da Lagoa. É uma denominação que teve sua origem na América Espanhola. Não aparecendo, portanto, na cartografia portuguesa, e sim na espanhola e holandesa.
- **Lago Dourado:** nome de origem espanhola, que o denominavam “dorado”. Na cartografia e documentos portugueses aparece com o nome “doirado” ou “dourado”
- **Lagoa do Ouro:** aparece apenas uma vez em um documento relativo à Capitania de São Vicente, em 1574.
- **Lagoa Grande, ou Alagoa Grande:** como a chamou Gabriel Soares de Sousa em seu “Tratado Descritivo do Brasil em 1587”, é uma simples tradução das palavras de origem tupi **Vupabuçu** e **Paraupava**.
- **Laguna del Paytiti:** denominação exclusivamente castelhana, nunca tendo sido usada no Brasil ou em Portugal.

4 Análise dos topônimos, segundo Theodoro Sampaio

- **Pará** – o mesmo que **mbará** ou **Mará** (substantivo) mar. Segundo Batista Caetano apud Sampaio (1987), **pará** compõe-se de **y-pá-rá** e significa – águas todas colhe - isto é, o colecionador das águas. Na língua tupi esta palavra tem a acepção de rio volumoso, o caudal.
- **Peba** – adjetivo. Plano, baixo, chato, rasteiro, inferior.
- **Vupabussú** – **Ypab - uçú**, a lagoa grande dos antigos roteiros do sertão. **Upabuçu, Vupabuçu.**

5 Os caminhos do Paraupava

Segundo fontes documentais como mapas dos séculos XVI e XVII, a denominação Paraupava é devida ao fato de o rio na época da estiagem minguar, ficando somente algumas poças.

Na visão dos portugueses do século XVI existiam três caminhos para encontrar a Lagoa: Rio da Prata¹, Rio São Francisco² e Paraupava. Navegar por qualquer dos rios acima significava chegar aos seus nascedouros, que consistia na Lagoa Paraupava, já que havia uma crença de que todos eles nasciam de suas águas.

Ferreira (1977, p. 45) assinala que o primeiro rio escolhido foi o que provinha da Lagoa e desembocava na foz do Amazonas, rio que passou a ser denominado “Rio Paraupava”. Na foz do Amazonas não existia estabelecimento algum de portugueses. Assim, não havia uma base para penetração rio acima até chegar à lagoa. Tornava-se, pois, impossível a penetração por este rio. O segundo rio cogitado foi o Paraguai³, um dos formadores do rio da Prata, que segundo os índios também chegava à lagoa. Contudo, esse rio apresentava questões políticas difíceis: coincidia com o meridiano de Tordesilhas, demarcação entre as terras da Coroa de Portugal e Espanha. Além do mais, entre 1580 e 1640, quem mantinha o domínio sobre Portugal era a dinastia dos Felipes da Espanha, período este denominado União Ibérica. Dessa maneira, não seria muito diplomático criar problemas entre as duas nações. De 1580 a 1640, o Rio Paraguai, por suas implicações político-diplomáticas, não era a via a ser perseguida pelos portugueses para chegar à Lagoa Paraupava.

O terceiro rio a ser considerado foi o São Francisco. Esse apresentava todas as condições ideais para ser percorrido até chegar à Lagoa. Primeiramente, porque seu curso se achava inteiramente dentro do Brasil. Segundo, porque a costa achava-se povoada. Eram as Capitânicas do Norte (hoje Nordeste): principalmente a da Bahia e de Porto Seguro.

O “ciclo Paraupava”, ciclo das bandeiras ao sertão do Rio Paraupava, durou de 1590 a 1618. De acordo com Ferreira (1960, p.315), o topônimo Paraupava aparece pela primeira vez em um documento referente à bandeira de Domingos Luis Grou e Antônio Macedo ao sertão Paraupava (1590-1593). Nos documentos, no entanto, não é possível identificar se se referiam à lagoa, ao rio ou ao sertão.

¹ A bacia platina, ou do rio da Prata, é constituída pelas sub-bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, drenando áreas do Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Informações disponíveis no sítio <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-agua/hidrografia-do-brasil-2.php>>. Acesso em agosto de 2011.

² A bacia do rio São Francisco, nasce em Minas Gerais, na serra da Canastra, e atravessa os estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. De grande importância política, econômica e social, principalmente para a região nordeste do país, é navegável por cerca de 1.800 km, desde Pirapora, em Minas Gerais, até a cachoeira de Paulo Afonso, em função da construção de hidrelétricas com grandes lagos e eclusas, como é o caso de Sobradinho e Itaparica. Informações disponíveis no sítio <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-agua/hidrografia-do-brasil-2.php>>. Acesso em agosto de 2011.

³ O rio Paraguai possui um comprimento total de 2.550 km, ao longo dos territórios brasileiro e paraguaio e tem como principais afluentes os rios Miranda, Taquari, Apa e São Lourenço. Nasce próximo à cidade de Diamantino, no estado de Mato Grosso, e drena áreas de importância como o Pantanal mato-grossense. Informações disponíveis no sítio <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-agua/hidrografia-do-brasil-2.php>>. Acesso em agosto de 2011.



Figura 2 - Bandeira de Domingos Rodrigues - 1596-1600 (FERREIRA, 1977, p. 92)

Em um inventário de 22 de fevereiro de 1615 da Bandeira de André Fernandes (1613-1615) é identificado também o topônimo Paraupava. Em um outro documento escrito pelo Padre Araujo, em que Pero Domingues, escrivão da bandeira de André Fernandes, presta-lhe informações sobre os acontecimentos da Bandeira, encontra-se registrado a existência da lagoa.

O mapa seguinte mostra o circuito completo da Bandeira de André Fernandes. A Bandeira desceu o Anhembi e subiu o Aguapeí. Em certo ponto desse rio, o abandonou e desceu o São Francisco, subiu o Paracatu e ganhou as cabeceiras do Paranatinga. Ou, deixando o Rio Aguapeí, a Bandeira foi por terra diretamente ao Rio Paranatinga, afluente do Iabeberi (FERREIRA, 1977. p. 256).



Figura 3 - Ferreira (1977)

Disse o padre Antonio de Araújo que saindo de São Paulo, depois de andar por diversos sertões, a Bandeira de André Fernandes chegou às nascentes do rio Iabebere. Desceram esse rio e foram desembocar em um “fermoso braço” do grande e afamado Pará. O Padre Araújo denomina o Rio Paraupava de “fermoso braço” devido à política de sigilo sobre os achados portugueses durante a União Ibérica (FERREIRA, 1977, p. 236).

O Padre Araujo informa nesse documento que em certo local do “fermoso braço”, isto é, do Rio Paraupava, havia uma grande ilha, medindo trinta léguas de comprimento e seis de largura. Afirmava que essa era a ilha dos índios Carajauas.

Comparando-se os dois documentos: o inventário de 22 de fevereiro de 1615, no Rio Paraupava, pertencente à bandeira de André Fernandes, e a descrição desse rio feita pelo Padre Araujo, é possível identificar a Lagoa Paraupava dos bandeirantes paulistas como sendo a atual Ilha do Bananal. Desde que o “fermoso braço” era o formador da grande Lagoa Paraupava e se encaminhava em direção à foz do Amazonas, é possível também deduzir que Rio Paraupava é o primeiro topônimo do atual Rio Araguaia.

De acordo com Ferreira (1960, p. 316), em meados do século XVII, o nome Paraupava, assim conhecido pelos sertanistas de São Paulo, passou a ser denominado Araguaia pelos sertanistas, missionários e jesuítas, nome que conserva até hoje. A denominação Paraupava, antes da metade do século XVII, passou a ser esquecida, embora tenha permanecido nos arquivos das Bandeiras.

Considerações finais

A partir da leitura cartográfica dos séculos XVI e XVII, os sertanistas de São Paulo foram os primeiros geógrafos do interior do Brasil. Tendo o conhecimento de uma geografia científica no interior do Brasil, os bandeirantes do ciclo Paraupava, imbuídos do elemento mítico Lagoa Paraupava, puderam transmitir seus conhecimentos aos cartógrafos de Portugal, os quais passaram a produzir suas cartas com os três grandes rios, sendo que um deles passou a ser registrado com o nome bandeirante: Rio Paraupava, primeiro topônimo dado ao Rio Araguaia.

O Rio Araguaia é um rio brasileiro que nasce no estado de Goiás na Serra do Caiapó, próximo ao Parque nacional da Emas. Faz a divisa natural entre os Estados de Mato Grosso e Goiás, Mato Grosso e Tocantins, Maranhão e Pará, Maranhão e Pará (em um pequeno ponto considerado inexpressível) e Pará e Tocantins. Possui uma extensão de mais de 2.000 km e é considerado um dos mais piscosos do mundo. Este rio forma, juntamente com o rio Javaés, um “furo”, a maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal, identificada no século XVI pelos bandeirantes paulistas como sendo a célebre Lagoa Paraupava. Na ponta sul, o verdadeiro curso do rio Araguaia toma a direção da esquerda e recebe o nome de Rio das Mortes. O rio Javaés, braço direito do Rio Araguaia, era denominado pelos bandeirantes paulistas de “braço menor” ou mesmo “braço direito”. Esse “furo” do Rio Araguaia, na época da estiagem, míngua, restando apenas alguns regatos. Torna-se um verdadeiro rio somente na estação chuvosa, quando aumenta de volume.

O outro mito, *Sabarabuçu*, encontrava-se junto à Lagoa Paraupava. Ou seja, a serra resplandecente estava localizada junto à Lagoa; caso fosse descoberta uma delas, a outra estaria por perto. Nessas condições, quando uma bandeira se dirigia aos sertões à procura da Lagoa Paraupava, aproveitava a oportunidade para procurar *Sabarabuçu*, com o propósito de encontrar ouro, esmeraldas e outras pedras preciosas. Desmitificando o mito Paraupava, Sabarabuçu também se rompia.

Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*. 2006. 210p. Tese de doutoramento FFLCH/USP, São Paulo, 2006.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

_____. Caminho das Águas, Povos dos Rios: uma Visão Etnolinguística da Toponímia Brasileira. *Cadernos do Cnlf*. Rio de Janeiro, v. V, p. 25-32, 2002.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. *O mistério do ouro dos Martírios*. São Paulo: Biblos, 1960.

_____. *As bandeiras do Paraupava*. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1977.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. Nacional. 5 ed. São Paulo, 1987.

SEPLAN. *Mapas e atlas*. Disponível no sítio http://www.seplan.to.gov.br/seplan/br/index2.php?area=download&id_m=153. Acesso em: ago. 2010.

Recebido em 7 de outubro de 2010.

Aceito em 5 de setembro de 2011.

KARYLLEILA DOS SANTOS ANDRADE

Professora Adjunta dos Cursos de Artes e Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: karylleila@gmail.com..

CARLA BASTINI

Bolsista PIBIC/CNPq. Aluna do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: carlinha_cb@hotmail.com.